

## Escolhidos com Alegria

### O Perfil do Crente—Parte 2

#### 1 Pedro 1.1b

#### Introdução

Poucos anos atrás, uma proposta de lei anti-terrorismo foi aprovada pelo Parlamento Russo e assinada pelo presidente Vladimir Putin. A lei foi rotulada como “anti-terrorista,” mas, na realidade, não passou de fachada para aprovar o que pessoas de dentro do país estão chamando de uma nova lei russa anti-missionária. A lei proíbe qualquer atividade religiosa não sancionada feita por organizações religiosas, com exceção apenas da Igreja Ortodoxa Russa, a qual é bem próxima do governo e, por muitas décadas, tem sido inimiga do Evangelho. Não é surpresa que o Patriarca da Igreja Ortodoxa Russa é um ex-oficial da KGB. Ele é o mais alto líder religioso no país e que chama o reino de Putin na Rússia de um milagre de Deus.

Quando você orar por nossos irmãos e irmãs russos, lembre-se de que 90% das igrejas evangélicas se reúnem em lares porque, durante o Comunismo, igrejas não podiam ser donas de propriedades. Até mesmo na Rússia após a queda do Comunismo, igrejas locais não têm conseguido permissão para adquirir propriedade ou realizar construções. Essa lei prepara o caminho para que o governo feche 90% das igrejas evangélicas russas. Além disso, ela exigirá que os cidadãos denunciem qualquer violação às autoridades.

A porta que havia sido aberta na antiga União Soviética começa a fechar lentamente. Mais uma vez, a igreja se adaptará a reuniões secretas em igrejas subterrâneas, e a vidas e testemunhos alegres, cativantes e cautelosos que atraem a curiosidade de outros que começam a se perguntar mais sobre o Evangelho de Cristo que tanto transformou suas vidas.

Se você expandir o foco de sua oração pelo Evangelho ao redor do mundo, os dados do ministério Voz dos Mártires mostram que a cada mês em média: 322 crentes são mortos pela fé em Cristo; 215 igrejas e suas propriedades são destruídas; 722 atos violentos são cometidos contra cristãos como espancamento, sequestro, estupro, casamentos forçados e aprisionamento.<sup>1</sup>

Sinceramente, a igreja de cada geração experimenta muito mais violência do que segurança; muito mais antagonismo do que apreciação; muito mais ameaças, abuso e ridículo do que apoio, respeito e admiração. A igreja ao redor do mundo passa pelo que Jesus prometeu aos seus discípulos: ***Se o mundo vos odeia, saí que, primeiro do que a vós outros, me odiou a mim*** (João 15.18). Ser difamado, zombado e maltratado não é algo novo; na verdade, é normal.

Se todas essas coisas parecem estar se tornando realidade em nossa sociedade:

- na qual tem se tornado cada vez mais difícil verbalizar suas convicções cristãs sem ser acusado de insensibilidade em sua escola ou trabalho;
- na qual discordar com a depravação moral de seus colegas de trabalho significa convidar reprovação e até a possibilidade de demissão;
- na qual professores não podem mais se referir às crianças na sala de aula como meninos e meninas, porque isso os pressiona em sua luta para determinar se são meninos ou meninas.

Se tudo isso parece ser um mero pesadelo que passará assim que você acordar, pense de novo. Acordamos para um novo normal, com novas definições e normas culturais que vêm se desenvolvendo há décadas.

Diante desse contexto cultural, fico bastante animado com a igreja. Agora, ela pode perceber a oportunidade de testemunhar numa sociedade que não mais *finje* crer no que cremos.<sup>2</sup> Perceberemos a oportunidade de entender que crentes verdadeiros se tornarão obviamente diferentes, pois o que cremos não se aproxima nem um pouquinho de nossa sociedade crê. Peça para seus colegas de faculdade ou trabalho definirem algumas destas palavras: Deus, pecado, Escritura, preferência sexual, gênero sexual, verdade, família, casamento, julgamento e eternidade. Depois, verá como poucos concordam com suas definições derivadas da Bíblia.

Como você vê, entramos numa sociedade pré-cristã na qual precisamos começar com definições que não são mais compartilhadas ou entendidas

pelas pessoas em geral. Que oportunidade incrível—e a missão—que temos de abordar nossa cultura sem cerrar os punhos em ira ou tremer as mãos de medo.<sup>3</sup> Temos a promessa do nosso Senhor de que ele estará conosco até a consumação dos séculos e, evidentemente, este século ainda não terminou.

Nossa missão permanece a mesma: exaltar Jesus Cristo e completar a igreja, formada por pessoas de toda língua, tribo e nação. E temos que fazer o mesmo que Jesus Cristo, seus apóstolos e a igreja primitiva fizeram na sociedade do século primeiro que definia “deus” como plural; a origem da vida não passava de adivinhação; julgamento futuro não passava de uma tática religiosa de medo; casamento como um contrato de curto prazo; bissexualidade era a prática normal; e a verdade era relativa. Meu amigo, seja bem-vindo ao século primeiro e ao século vinte e um! Igreja, seja bem-vinda à tensão de viver claramente suspensa entre dois mundos: o mundo no qual vivemos, trabalhamos, o qual abençoamos, advertimos e ao qual testemunhamos, e o mundo por vir no qual Cristo um dia reinará.

De fato, esta é uma época perfeita para abrir a carta de 1 Pedro porque, quando Pedro a escreveu, perseguição ainda não era oficial, nem era espalhada pelo império todo; a perseguição ainda não havia sido sancionada pelo Senado Romano. Mas ela crescia, era local, aleatória e até brutal em muitos casos, como visto na prática de Nero, o qual odiava o Cristianismo. Porém, essa não era a perseguição que surgiria dentro de uma ou duas décadas. Mas logo no início da carta, os sinais já estão presentes: a marginalização do Cristianismo tinha começado; ameaças de morte eram comuns; alguns já tinham perdido tudo quanto tinham. Era só uma questão de tempo.

Precisamos entender no contexto de 1 Pedro que, quando a igreja começou cerca de 30 anos antes em Jerusalém, o Império Romano considerava a igreja como uma seita do Judaísmo. Dentre todas as religiões pagãs legais do mundo romano, somente o Judaísmo estava isento de oferecer sacrifícios anuais ao imperador. Ao invés de sacrifícios, eles estavam autorizados a fazer orações a favor do imperador. Enquanto os cristãos fossem vistos como um viés do Judaísmo, eles permaneceriam sob essa categoria de isenção religiosa.<sup>4</sup> Entretanto, quando os cristãos começaram a corajosamente sair das sinagogas e adorar em seus lares e aos domingos, chamando-o de “Dia do Senhor,” eles sabiam muito bem que estavam mostrando ao Império Romano que eles não eram uma seita judaica, mas algo inteiramente diferente. Com isso, sua isenção e proteção terminariam. Ser um cristão praticante se tornaria algo ilegal, como é o caso em muitos países hoje, onde se converter do Islamismo ao Cristianismo é um crime de pena capital. Então, quando lemos o início dessa carta, os crentes já foram arrancados de seus lares, eram indesejados, rejeitados e se preparavam para mais ondas de perseguição que de fato viriam.

Agora, quando encaramos o ridículo, zombaria e outra forma qualquer de perseguição, nossos instintos dizem que devemos ou fugir, ou revidar. Perseverar e reagir com graça é algo difícil e vai até contrário à natureza.<sup>5</sup> O que fazemos quando somos injustiçados ou discriminados por causa do que cremos? Imagine perder sua casa, emprego e tudo quanto tem. Não é justo, não está certo! Queremos dizer: “É o seguinte: este é meu país também. Tenho meus direitos!” Defender-se, falar o que pensa ou revidar é nossa primeira reação, e foi a dos leitores da carta de Pedro também. Pedro lhes escreve para que tenham compostura e encontrem esperança na

verdade que está prestes a lhes apresentar.<sup>6</sup> E o apóstolo faz isso de forma bastante interessante.

1. Primeiro, ele reconhece a dor dos seus leitores.

Leia o verso 1: ***Pedro, apóstolo de Jesus Cristo, aos eleitos que são forasteiros***. Eles eram estrangeiros em seu próprio país. Eles teriam dito: “É assim mesmo que nos sentimos, Pedro... você entende!” Um ***forasteiro*** é um residente temporário, um viajante cuja estada não passa de algumas semanas ou meses.

No mundo de hoje, esse indivíduo teria um visto de turista e, muito provavelmente, uma ou duas malas. Onde quer que chega, fica evidente que não é do local; está ali por um curto espaço de tempo e não se encaixa perfeitamente com a cultura dos nativos. Turistas não gostam necessariamente da mesma comida dali, mas sentem falta de suas vidas. Dependendo da hospitalidade do local que visitam, a duração de sua estada é afetada.

O termo que Pedro emprega para ***forasteiros*** indica que esses crentes espalhados não possuem proteção ou direitos individuais fornecidos a cidadãos das nações para as quais se mudaram.<sup>7</sup> Esse não é seu lar.

Além de serem ***forasteiros***, veja que eles são forasteiros ***da Dispersão*** (v. 1). O termo composto transmite a ideia de espalhar sementes. Em seu sentido técnico, o termo ***Dispersão*** se refere aos judeus exilados ou dispersados entre o mundo gentio, formando a minoria em suas regiões. Mas aqui, Pedro não emprega o artigo definido, o que sugere que ele usa o termo em seu sentido metafórico, ou seja, ele não se refere à nação dispersada dos judeus, mas a crentes gentios e judeus que formam a igreja. Os crentes foram espalhados como sementes para onde quer que o vento os levasse; quando encontravam um lugar

para onde ir e ficar, ali formavam a minoria e se sentiam como intrusos, não pertencendo ao local. Isso porque, de fato, não pertenciam.

Pedro continua e nos informa do destino de sua carta. Ela era uma carta circular, a ser repassada de mão em mão pelas igrejas dessa região, que corresponde à atual Turquia. No Novo Testamento, a região é chamada Ásia Menor. Pedro lista cinco regiões:

- **Ponto**—no extremo norte, onde ficava a casa de Áquila e Priscila;
- **Galácia**—a região central por onde Paulo viajou com frequência;
- **Capadócia**—localizada na porção leste da Ásia Menor. Judeus dessa área viajaram a Jerusalém, ouviram a pregação de Pedro no Dia de Pentecostes (Atos 2.9), e depois retornaram para lá como missionários;
- **Ásia**—incluía a maioria da Ásia Ocidental, com cidades como Lídia e Frígia.
- Finalmente, **Bitínia**—ficava no litoral sul do Mar Negro, a oeste do Ponto.<sup>8</sup>

Essa área incluía milhões de pessoas. Não se trata aqui de um cartão postal para algumas igrejas; essa era uma revelação extensa e extremamente necessária a milhares de crentes que sentiam como se não pertencessem a lugar nenhum. O que deveriam fazer?

Deixe-me contar o que fizeram muito bem. Plínio, o Menor, um advogado romano que viveu no final do século primeiro, escreveu uma carta ao imperador, afirmando que o Cristianismo tinha influenciado pessoas de todas as idades na Bitínia, tanto jovens como idosos, e essa influência foi a tal ponto de os templos pagãos terem ficado praticamente abandonados.<sup>9</sup> Que grande

testemunho do poder do Evangelho de Cristo, levado por esses crentes espalhados como sementes numa região de mais de 750 mil km<sup>2</sup>.

O que dizemos a crentes que estão vulneráveis, sem proteção de seu governo, arrancados de seu país, marginalizados e ridicularizados, lembrados constantemente de que não pertencem àquele lugar—o que dizer a eles? Exatamente o que Pedro diz em seguida no verso 2:

***Pedro, apóstolo de Jesus Cristo, aos eleitos que são forasteiros da Dispersão no Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia, eleitos, segundo a presciência de Deus Pai...***

O que dizemos ao indivíduo que sente que não pertence a este mundo? Dizemos que ele pertence ao mundo por vir. Pedro diz, com efeito: “Você pode ser um intruso no que diz respeito a este mundo, mas quero que saiba que você pertence ao reino de Deus.”

O que Pedro faz em seguida é revelar a obra de salvação efetuada pelos três membros da Trindade. Na verdade, este é um texto poderoso para provar a existência e o papel singular de Deus o Pai, Deus o Filho e Deus o Espírito no quesito da salvação.

Antes de chegarmos lá, todavia, precisamos lidar com uma palavra que tem causado bastante azia no decorrer da história da igreja. Ela ainda divide crentes hoje e fomenta debates acalorados. É a palavra que aparece no verso 1 e no verso 2: ***eleitos***.

O termo grego é *eklektos*, do qual derivamos os termos “eleito” e “eleição.” No passado, a palavra foi reservada a Israel.<sup>10</sup> De fato, muitos crentes não enxergam problema algum no fato de Deus ter escolhido os israelitas, apesar de eles terem mostrado ser tão merecedores quanto as nações que Deus não escolheu, como os amalequitas, heteus,

jebuseus, ferezeus e moabitas. Mas Deus escolheu os israelitas. Lemos em Deuteronômio 7.6:

***Porque tu és povo santo ao SENHOR, teu Deus; o SENHOR, teu Deus, te escolheu, para que lhe fosses o seu povo próprio, de todos os povos que há sobre a terra.***

Agora, Pedro emprega o termo para esses crentes dispersos, tanto judeus como gentios escolhidos por Deus. E esse adjetivo verbal no grego está na voz passiva, destacando o fato de o crente ser objeto da ação de Deus.<sup>11</sup> Isso foi exatamente o que o autor de Hebreus quis dizer quando escreveu que Deus é o ***autor da salvação*** (Hebreus 5.9)—é Deus quem dá o primeiro passo e toma a iniciativa. E ele tem que fazer isso, porque estamos ***mortos em nossos delitos e pecados*** (Efésios 2.1). ***Nós o amamos porque ele nos amou primeiro*** (1 João 4.19). Paulo diz aos tessalonicenses: ***devemos sempre dar graças a Deus por vós, irmãos amados pelo Senhor, porque Deus vos escolheu desde o princípio para a salvação, pela santificação do Espírito e fé na verdade*** (2 Tessalonicenses 2.13).

No decorrer de seu ministério, Jesus nunca hesitou ensinar a verdade da eleição. Por exemplo: ***Ninguém pode vir a mim se o Pai, que me enviou, não o trouxer; e eu o ressuscitarei no último dia*** (João 6.44); ***eu conheço aqueles que escolhi*** (João 13.18). Mais uma vez, no cenáculo antes da crucificação, Jesus ensina a eleição sem deixar dúvidas: ***Não fostes vós que me escolhestes a mim; pelo contrário, eu vos escolhi a vós outros e vos designei para que vades e deis fruto, e o vosso fruto permaneça*** (João 15.16).

Quando o Evangelho foi pregado após a ressurreição e a igreja primitiva evangelizava o mundo, Lucas registra o seguinte após uma das pregações de Paulo e Barnabé: ***Os gentios, ouvindo isto, regozijavam-se e glorificavam a palavra do***

***Senhor, e creram todos os que haviam sido destinados para a vida eterna*** (Atos 13.48).

Agora, lembre-se de algumas coisas importantes. Primeiro, os escritores bíblicos não respondem todas as perguntas ou questões que obviamente se formam em torno dessa doutrina. Na verdade, eles sem sequer tentam harmonizá-la com o outro lado da moeda que enfatiza nossa reação à iniciativa de Deus para que nos arrependamos do nosso pecado e creiamos no Evangelho.<sup>12</sup> Essa seria uma tentativa de harmonizar uma verdade eterna da perspectiva de Deus com uma verdade terrena de nossa perspectiva. Conseguimos entender a nossa vontade—a decisão que tomamos de crer no Evangelho e confiar em Cristo. Contudo, não conseguimos entender a parte de Deus, apenas cremos, já que a Bíblia, de forma simples e clara, ensina que fomos escolhidos por Deus antes de nascermos. Não conseguimos entender isso, mas cremos.

Dessa maneira, o crente vive numa tensão entre dois mundos e duas verdades. Deus nos escolheu na eternidade passada—essa é a eleição divina. Nós escolhemos Deus no momento—essa é a vontade humana agindo com fé na obra da graça já iniciada por Deus.

E a propósito, a Bíblia deixa claro que ambos são absolutamente necessários à salvação. Por isso, ela tende a enfatizar um dos dois em certas passagens, mas outro em outras passagens. A salvação envolve as duas verdades.

Quando Paulo e Silas foram milagrosamente libertados da prisão depois daquele terremoto, o carcereiro, que evidentemente tinha ouvido Paulo e Silas pregando e cantando na prisão, correu até eles e perguntou: ***Senhores, que devo fazer para que seja salvo?*** (Atos 16.30). Paulo não respondeu: “Bom, se está fazendo essa pergunta, então, obviamente é um eleito. Já é salvo. Fique

tranquilo.” Não. A resposta foi: **Crê no Senhor Jesus e serás salvo, tu e tua casa** (Atos 16.31). Acho interessante que Paulo não disse: “Crê no Senhor Jesus porque você já é salvo.” “Tipo, já que você pergunta como ser salvo, obviamente Deus o Pai já tomou a iniciativa e abriu seus olhos para o Evangelho. Então, não precisa fazer mais nada.” Não. Paulo disse: “Cria em Jesus—confie no Senhor Jesus e você será salvo.”

Talvez você esteja se perguntando: “Como posso saber se sou um dos eleitos? Como saber se fui, de fato, escolhido por Deus? Afinal, Pedro não mandou o crente confirmar sua vocação e eleição? (2 Pedro 1.10). Não sinto muita convicção.” Bom, Pedro não nos manda sentir nossa eleição, mas confirmá-la. Não tem nada a ver com a forma como nos sentimos, mas tudo a ver com quem confiamos a fim de que nossa eleição seja confirmada.

Charles Spurgeon, o grande pregador de Londres do século dezenove, ensinou com bastante frequência as doutrinas da graça. Além de pregador, foi um autor prolífico. Em um de seus livros, ele apresentou um equilíbrio excelente e um encorajamento para o crente. Ao comentar em 1 Tessalonicenses 1.4 (onde Paulo escreve: **reconhecendo, irmãos, amados de Deus, a vossa eleição**), Spurgeon escreveu:

*Muitas pessoas querem saber da sua eleição antes mesmo de olhar [ou confiar] em Cristo. Mas não se conhece a eleição dessa maneira; ela só é descoberta quando se olha para Jesus. Se você deseja ter certeza da sua eleição, é assim que terá essa convicção em seu coração: você se considera um pecador perdido? Vá direto à cruz de Cristo e lhe diga isso. Diga-lhe que leu na Bíblia: “Quem vier a mim, de modo nenhum lançarei fora.” Olhe para Jesus e creia nele; assim, terá prova de sua eleição porque, se tem certeza de que creu, então é eleito. Se*

*você se entregar totalmente a Cristo e confiar nele, então é um dos escolhidos de Deus. Mas se parar e disser: “Quero saber primeiro se sou eleito,” não sabe o que pergunta. Vá primeiro para Cristo e se esconda em suas feridas, e então conhecerá sua eleição. A convicção do Espírito Santo será transmitida a você, de forma que dirá: “Sei em quem tenho crido, e estou certo de que é poderoso para guardar o meu depósito até aquele dia.” Vai e confia nele e sua resposta será: “Eu o amei com meu amor eterno.” E Spurgeon termina com este pensamento profundo, mas simples e sábio: Não haverá dúvida alguma se Deus já o escolheu quando você o tiver escolhido.<sup>13</sup>*

Lembre-se do seguinte: Pedro menciona a doutrina da eleição aqui para servir de encorajamento a esses crentes dispersos, não para que comecem debates acalorados, nem para gerar dúvidas. O objetivo é leva-los a agradecer a Deus por sua eterna graça e pela soberania divina.

E aqui está a aplicação prática dessa doutrina: esses crentes dispersos tinham todo motivo para crer que Deus não estava em controle do caos, ou que eles tinham de alguma forma sumido do radar divino, ou que Deus os tinha perdido de vista, ou pior ainda, que Deus não mais os amava, nem se importava com eles. Sem dúvidas, nessa dispersão, houve muitos tropeços na fé, muitos momentos de egoísmo, muitas dúvidas e apreensões, muito pecado. Talvez Deus não queria mais saber deles. Então, Pedro os informa de que foram escolhidos por Deus para serem povo de Deus, como que lembrando-lhes de que, se antes da criação do mundo Deus já os escolheu, ele não os perderia de vista agora.

E isso é verdade na sua vida também. Se Deus o amou desde a eternidade passada e abriu seus olhos para a verdade do Evangelho, ele jamais

deixará de amá-lo, mas o continuará amando por toda eternidade futura. Você não é um acidente; é uma escolha divina. Tudo a seu respeito—desde sua concepção ao seu nascimento, novo nascimento até deficiências e fraquezas—tudo sobre seu passado, presente e futuro está de acordo com o plano soberano de Deus. E você recebeu graça abundante e um amor incrível e divino iniciado por Deus única e exclusivamente porque Deus o escolheu. Nós o amamos porque ele nos amou primeiro!

## Conclusão

Um escritor conta de sua tristeza pessoal de infância, quando era o último a ser escolhido para o time de futebol depois da escola. Os capitães estavam em suas últimas escolhas—aquele

gordinho para ser goleiro, e aquele perna de pau para a zaga. “Geralmente, eu era o sexto a ser escolhido, mas na maioria das vezes ficava por último. Eu queria que pelo menos uma vez alguém dissesse: ‘Ele! Quero aquele magrinho ali de óculos. Você, vem cá!’ Mas eu nunca fui escolhido com tanto entusiasmo.”<sup>14</sup>

Quando li isso, foi impossível não pensar: imagine, Deus o escolheu, amado, com entusiasmo! Você consegue imaginar como essa verdade encorajou esses cristãos dispersos, marginalizados, depreciados, mal entendidos, fora de lugar e maltratados—e como serve de encorajamento para cada crente hoje? Rejeitados pelo mundo, escolhidos por Deus para todo sempre.

Este manuscrito pertence a Stephen Davey, pregado no dia 28/08/2016

© Copyright 2016 Stephen Davey

Todos os direitos reservados

---

<sup>1</sup> Juan R. Sanchez, *1 Peter for You* (The Good Book Company, 2016), p. 15.

<sup>2</sup> Adaptado de Russel Moore, *Onward* (B&H, 2015), p. 9.

<sup>3</sup> *Ibid.*, p. 7.

<sup>4</sup> Charles R. Swindoll, *Insights on James and 1 and 2 Peter* (Zondervan, 2010), p. 147.

<sup>5</sup> *Ibid.*

<sup>6</sup> *Ibid.*

<sup>7</sup> Scot McKnight, *1 Peter* (Zondervan, 1996), p. 47.

<sup>8</sup> Adaptado de John MacArthur, *1 Peter* (Moody Publishers, 2004), p. 15.

<sup>9</sup> Adaptado de D. Edmond Hiebert, *1 Peter* (BMH Books, 1992), p. 49; Duane F. Watson and Terrence Callan, *First and Second Peter* (Baker, 2012), p. 8.

<sup>10</sup> William Barclay, *The Letters of James and Peter* (Westminster Press, 1976), p. 166.

<sup>11</sup> Hiebert, p. 46.

<sup>12</sup> *Ibid.*

<sup>13</sup> Charles H. Spurgeon, *Morning and Evening* (Hendrickson Publishers, 1995), p. 398.

<sup>14</sup> Adaptado do beisebol para o futebol de [www.preachingtoday.com/illustrations/2000/june/12499.html](http://www.preachingtoday.com/illustrations/2000/june/12499.html).